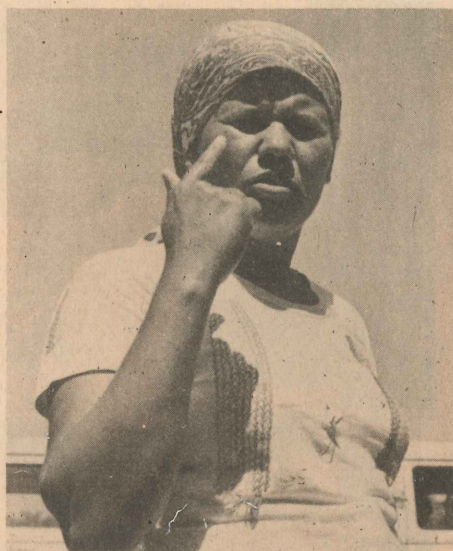




Aguinaldo: turista não gosta de favela



Fidelcina: história de luta pela terra



Gerlindo: o dinheiro vence sempre



Ereni: o mangue não está bom

# Novo porto prejudica comunidade pobre de Aribiri

Se for confirmada a transferência do porto de Vitória para a foz do Aribiri, cerca de 500 pessoas perderão a sua única fonte de renda: o mangue. Dele, 100 catadores retiram diariamente uma média de mil quilos de sururus, que representam uma produção mensal de Cr\$ 150 milhões. Uma das integrantes da comissão central da Associação dos Posseiros do Aribiri, Fidelcina da Silva Nascimento, já advertiu que a comunidade não vai aceitar qualquer imposição por parte do governo e que está disposta a negociar, desde que os moradores não sejam prejudicados.

Assustados com a proposta do governador Gérson Camata, de transferir o porto de Vitória para a foz do Aribiri, os catadores de sururus apresentaram, ironicamente, uma contraproposta: "Eles trazem o porto para cá e colocam o mangue no lugar do porto. Assim, vamos catar sururu em frente ao Palácio e quem sabe vender para o próprio governador", comentou Agnaldo Manuel Gonçalves, irritado, uma vez que se encontra desempregado há seis anos e durante todo esse tempo tem sobrevivido do mangue.

## PROJETO

Com o objetivo de criar alternativa para o tráfego no centro da cidade, o governador Gérson Camata propôs a desativação do porto de Vitória para, no seu lugar, construir uma via de acesso ligando a avenida Beira-Mar à Vila Rubim. A idéia encontrou receptividade junto ao novo prefeito de Vitória, Hermes Laranja, que está interessado em concretizar logo a proposta. Para

tanto, já foram iniciadas as negociações junto à Portobrás. De acordo com o diretor de Planejamento e Pesquisa da empresa, Wilson Calmon, as obras custariam cerca de US\$ 50 milhões — equivalentes, hoje, a Cr\$ 555 bilhões.

AJ12836  
ARIBIRI

Em 1912, foi criada uma linha de bonde ligando Paul a Piratininga (local onde está instalado o 38º Batalhão de Infantaria, em Vila Velha). Com ela, o bairro do Aribiri ganhou vida. No local, foi construída a garagem dos bondes que faziam o percurso através da estrada Jerônimo Monteiro, na época uma "picada", com muito mato, por onde passava a linha utilizada para o transporte de passageiros.

A prefeitura de Vila Velha classifica a comunidade como de baixa renda, porém o movimento comunitário diz que as famílias carentes são apenas as que se encontram instaladas ao longo do canal e na área de ocupação, cujo terreno, de 30 mil metros quadrados, foi doado pela família Vereza — uma das mais antigas do bairro — ao município. Grande parte do mangue foi invadida por diversas famílias e, para resolver o impasse, efetivou-se a doação. A prefeitura local tem procurado urbanizar o lugar, aterrando a área onde as 214 famílias estão hoje instaladas.

## MANGUE

• É justamente na região do mangue onde se pretende instalar o novo terminal

portuário da capital, se for concretizada a desativação do porto de Vitória. Cerca de 95% das famílias que moram no lugar são formadas por desempregados, biscateiros e grande parte deles sobrevive do mangue. Alguns ainda encontram serviço na rua, porém outros vivem exclusivamente da cata de sururus. "O mangue já não está tão bom quanto antes. Já está acabando", comentou Ereni Ferreira do Nascimento, que espera por uma vaga na PMVV.

O quilo do sururu depois de limpo é vendido por Cr\$ 5 mil. "Sei que lá fora ele acaba custando até Cr\$ 30 mil. Mas se a gente pedir mais que isso eles não pagam", comentou Cosme Brito dos Reis, que cata sururu apenas para atender aos amigos de onde trabalha. Esse não é o caso de Ereni Ferreira do Nascimento. Ela é casada e tem sete filhos. Na sua opinião, esse serviço só faz as pessoas ficarem doentes. "Ficar dentro dessa lama não é bom para ninguém. Mas não tem outro jeito", comentou.

O mais revoltado de todos os catadores é Agnaldo Manuel Gonçalves, que fala como líder do grupo. No meio da lama, ele diz que gosta muito de ler e de se informar — "Sou o pai daquele garoto que apareceu na televisão e que sabe o nome das capitais de diversos países, ministros, presidente da República". Desempregado, há seis anos ele vem procurando uma vaga de motorista e não encontra. "Se o porto vier para cá eles terão que arranjar outro mangue para nós. E tem mais: turista não vai gostar de ficar aqui olhando para favela. Eles não têm outro lugar para colocar o porto?", pergun-

tou, indignado com a proposta do governador.

## POSSEIROS

Possivelmente, o lugar mais atingido será a área onde se encontram instaladas as 214 famílias dos posseiros. A comunidade encontra-se organizada, solidária e coesa. "Foi muito difícil a gente conseguir se manter aqui. Enfrentamos a polícia. Muitas crianças morreram. Não vai ser fácil nós tirar do local", advertiu Fidelcina da Silva Nascimento. Na época em que ocorreu a invasão no mangue do Aribiri, houve uma forte resistência por parte da família que se dizia dona do terreno, ocasião em que a polícia interviu com muita violência destruindo os barracos.

Naquela época, morreram quatro crianças, segundo conta Fidelcina, vítimas da fome, frio e chuva. "Os pais, com medo de novo ataque da polícia, não iam trabalhar. No dia em que tinha comida, o povo se alimentava, assim mesmo isso só acontecia quando a comunidade fazia doação. Passamos por muita dificuldade. Agora eles fazem proposta lá em cima sem ouvir a gente. Queremos ser ouvidos. Negociar, comentou a integrante da associação dos posseiros.

Gerlindo Sandre, pai de quatro filhos, desempregado há dois anos, vive de biscates como pintor de parede. Na sua opinião, a proposta do governo é boa, uma vez que o trânsito na Beira-Mar é "horível". No entanto, ele advertiu que é preciso olhar o lado da comunidade do Aribiri. "Mas quem tem dinheiro sempre vence. Mas nós estamos dispostos a brigar", finalizou.